

O PLANO HISTÓRICO E SOCIAL DE DEUS NO MUNDO

PAULO VI, Audiência Geral, 6 de agosto de 1969

Filhas e filhos amados!

Nós não podemos, pelo menos mais uma vez, não falar-vos da Nossa viagem africana, em Uganda, da semana passada. Não entendemos apresentar-vos o relato daqueles dias, nem fazer a descrição dos lugares visitados e das celebrações realizadas, ou dos encontros acontecidos. Tudo isso foi relatado pela imprensa, e ainda será. Se vocês estiverdes interessados, podem encontrar na mesma, e especialmente em nossas revistas, notícias e imagens em abundância. Assim diga-se da história dos Mártires, que Nós tivemos o privilégio de canonizar e que fomos, em devota peregrinação, venerar nos lugares, agora totalmente transformados pelas florescentes construções da moderna cidade de Kampala, onde foi consumido o drama atroz e glorioso do sacrifício destes por sua fé cristã. Leiam vocês mesmos esses relatos; não será fadiga difícil ou tempo perdido.

Necessidade missionária

Sentimos o dever de abrir o Nosso ânimo sobre algumas considerações a respeito do fato missionário, que observado e meditado naquele quadro característico e típico, num seu originário e essencial desdobramento, Nos apareceu ainda mais impressionante e eloqüente, e quase revelador do sentido teológico e do valor humano, que o tornam grande, saudável e moderno. É verdade que isso é bem notório. A todos podemos dizer; pois a atividade missionária documenta-se amplamente com suas apologias, seus relatos, seus protagonistas, os missionários, a todo o Povo de Deus; também a vocês, com certeza.

Mais ainda, o Concílio Ecumênico, com um amplo decreto sobre a atividade missionária da Igreja, intitulado *Ad Gentes*, definiu tão claramente princípios e normas a respeito das missões católicas, que, por si, nada teríamos a acrescentar, enquanto tudo deveria ser relido e reconsiderado.

Contudo, geralmente, a experiência mais que a leitura, oferece a confirmação da verdade dos ensinamentos, e coloca em evidência as idéias fundamentais. Pois bem, Nós vos diremos hoje, tanto para concluir os Nossos discursos sobre este tema, três idéias que iluminaram Nosso espírito por ocasião da Nossa peregrinação africana.

A primeira idéia é aquela da necessidade missionária. A atividade missionária nasce de uma necessidade. Observem bem. Não somente de uma necessidade de ordem prático e histórico, que é também uma necessidade poderosa: como é que se espalharia o Evangelho, se não houvesse as missões? Estranho fenômeno e digno de profunda reflexão: por que o Evangelho, que é a Verdade revelada, admirável e salvadora, não se espalha por si só? As descobertas científicas, em via ordinária, se espalham por si; a razão humana, a curiosidade popular, os interesses inerentes a sua divulgação propagam a ciência com imediata facilidade; e assim as idéias da moda abrem seu caminho no meio da humanidade através da escola, da imprensa, da política, e hoje através dos maravilhosos meios de comunicação de rádio e televisão com uma rapidez surpreendente. Por que a fé em Cristo e sua salvação, o nosso interesse supremo, não tem essa mesma virtude da circulação espontânea? Por que é difícil? Porque envolve um novo estilo de vida? Porque gera uma comunhão, uma Igreja? Sim, por estas e outras razões semelhantes. E a realidade é esta: a fé deve ser divulgada, deve ser anunciada pela viva voz: de pessoa para pessoa. A rede de comunicação da fé, inicialmente e em seguida normalmente, deve ser humana. É necessário o missionário, o homem enviado pela autoridade apostólica da Igreja para que a mensagem divina chegue ao seu destino, que é atingir o coração dos homens. Foi dito, com o paradoxal eficácia: Deus precisa do homem. Para que o mistério do amor e da salvação de Deus se espalhe no mundo precisa do ministério de amor e de sacrifício do homem que aceita a tarefa, o risco, a honra de comunicar aquele mistério aos outros homens, os quais por isso mesmo tomam a forma de irmãos. Esse homem indispensável é o missionário. A caridade de Deus coloca em exercício a caridade do homem para realizar o seu plano histórico e social no mundo. E esta

necessidade de serviço ao plano de Deus não é somente de índole prática, histórica e exterior, dizíamos; é também interior à verdade e à caridade própria do Evangelho, que foi anunciado ao mundo para espalhar-se em toda a face da terra. Ouvimos ainda uma vez a voz de São Paulo, o Apóstolo das Gentes, o missionário por eleição divina (cf. *1Tm* 2,7; *2Tm*, 1,11; *Gal* 2,8; *At* 9,15): “É uma necessidade que me foi imposta. Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho!”(*1Cor* 9,16).

Vozes diferentes em uma única catolicidade

Esta intrínseca necessidade, este impulso que surge da própria natureza do Evangelho, este dever primário da Igreja responsável, a qual se define católica e apostólica, ou seja missionária (cf. *AG* 1; 6), se torna urgente hoje como ontem, como nos primeiros tempos do cristianismo; e pelo fato que hoje, com mais clara intenção “a Igreja nada rejeita do que é verdadeiro e santo” nas religiões não cristãs, as quais “não raramente refletem um raio da verdade que ilumina todos os homens, no entanto, ela (a Igreja) anuncia, e tem obrigação de anunciar incessantemente Cristo, caminho, verdade e vida” (*NA* 2). A necessidade missionária permanece. Todos devemos apoiá-la. Um irenismo indiferente a respeito desta necessidade, fundado na impossibilidade prática de estender a todo mundo a ação missionária, e na misericórdia divina à qual nenhum limite pode ser posto, não é admissível pelas exigências próprias do plano divino revelado ao mundo (cf. *Ef* 1,9-10). Sempre precisamos de missionários, como Padre Lourdel; daqueles que se lançam na aventura evangelizadora; não fosse por outro motivo porque a terra é grande, e a maior parte dela ainda não conhece ou não reconhece Jesus Cristo como salvador e mestre.

E aqui surge a segunda idéia que aflorou nesta breve e impressionante experiência africana. O cristianismo, e com este a Igreja que o proclama e, como pode, o realiza, é universal. É para todos. Não se limita nem geograficamente, nem etnicamente, nem culturalmente. É único, rigorosamente único em seu conteúdo essencial (cf. *Ef* 2; 4,1-7), mas orgânico, e por isso diferenciado em sua composição comunitária; e é adaptável e exprimível em cada forma de sana humana cultura. Fala-se muito hoje deste pluralismo na expressão do Evangelho (cf. *AG* 22). Não se trata de fracionar a Igreja, de desassociar a sua íntima comunhão, de desvincular as Igrejas de uma fraterna e hierárquica solidariedade; trata-se de admitir no concerto coral da mesma unidade a catolicidade das vozes diferentes, como diferentes o Senhor as fez (cf. *1Cor* 12,16-21), a marca étnica, a história local, a índole própria, a tradição cultural. É maravilhoso observar como a nossa religião católica seja católica, universal; não somente adaptável às diversas condições de raça, de costume, de gênio popular, mas capaz de extrair destas condições quanto de mais original, de mais característico, de mais próprio virtualmente, ou já efetivamente, possuem. Todos, homens e povos, podem ser católicos, sem renegar os talentos que possuem, desenvolvendo-os e levando-os a degraus superiores de plenitude expressiva e de beleza humanística. É maravilhoso observar, repetimos, como a idéia de universalidade na Igreja seja nativa, e como esta antecipou de séculos a universalidade civil e internacional, à qual se orienta o mundo moderno.

Humanidade da jovem Igreja africana

E ainda uma terceira idéia encheu o Nosso ânimo ao contato com a jovem Igreja africana: a sua humanidade. A Igreja não se ocupa de comércio, nem de política, nem de descobertas geográficas ou científicas (se bem que estas resultem, no fim, quase por si), mas de almas. Ocupa-se da vida do homem, da sua existência física, da sua dignidade pessoal, da sua perfeição moral, da sua liberdade social, numa palavra do ser humano em quanto tal, na sua inviolável integridade de filho de Deus, de irmão de Cristo, de sacrário do Espírito Santo, de membro de um só corpo místico, a Igreja ... e por isso do cidadão instruído, laborioso, honesto, consciente, amoroso de sua família, de seu país, de sua nação, da humanidade. Esta integridade humana Nós a vimos em seu ser e em seu dever. Vimos um Povo; e, à luz de seu cristianismo, um Povo bom, um Povo aberto à árdua e sublime visão da paz, da paz doméstica, nacional, mundial. E todo este quadro humano suspenso a uma simplíssima palavra, herdada dos Mártires Ugandeses: a oração. Ou seja, a religião, a fé, a Igreja, Cristo. Belíssima humanidade, viva; africana e cristã. Saudamo-la novamente. E com vocês mais vez abençoamo-la.